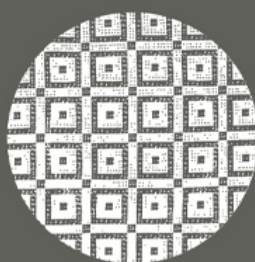


TODAS AS ARTES



REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE ARTES E CULTURA
ALL THE ARTS LUSO-BRAZILIAN JOURNAL OF ART AND CULTURE



Vol. 6, N. 3, Set.-Dez. 2023
ISSN 2184-38052

LIBERTE O CINEASTA QUE EXISTE EM VOCÊ! O PROTAGONISMO DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO FESTIVAL DE FILMES DE CURTA-METRAGEM DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE BRASÍLIA

UNLEASH THE FILMMAKER IN YOU! THE PROTAGONISM OF BASIC EDUCATION STUDENTS IN THE SHORT FILM FESTIVAL OF PUBLIC SCHOOLS IN BRASÍLIA

LIBÉREZ LE CINÉMA EN VOUS! LE PROTAGONISME DES ÉLÈVES DE L'ÉDUCATION DE BASE AU FESTIVAL DU COURT MÉTRAGE DES ÉCOLES PUBLIQUES DE BRASÍLIA

¡LIBERA AL CINEASTA QUE LLEVAS DENTRO! EL PROTAGONISMO DE LOS ESTUDIANTES DE EDUCACIÓN BÁSICA EN EL FESTIVAL DE CORTOMETRAJES DE ESCUELAS PÚBLICAS DE BRASILIA

Maria do Carmo G Alvarenga Rodrigues

Centro Universitário Belas-Artes de São Paulo, Brasil

Resumo: O presente artigo oferece uma reflexão sobre o Festival de Filmes de Curta-metragem das Escolas Públicas de Brasília criado em 2015 e realizado como parte da programação do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. A partir do exemplo de experiências e abordagens teóricas sobre a criação audiovisual nas escolas, além de depoimentos dos participantes, pretende-se analisar os impactos do uso do cinema como fonte de conhecimento e percepção, elevando a ação pedagógica de assistir a um filme como mera forma de ilustração para uma imersão na produção fílmica, que culmina na realização de um festival. O artigo aborda, com base nos estudos sobre festivais, os efeitos para a cultura e a educação, ao ampliar o leque das atividades de formação já existentes nos festivais de cinema profissionais e ao contribuir para acrescentar o segmento estudantil às categorias de festivais especializados.

Palavras-Chave: cinema; educação; festival; estudante.

Abstract: This article offers a reflection on the Short Film Festival of the Public Schools of Brasília created in 2015 and held as part of the Festival de Brasília do Cinema Brasileiro program. Based on the example of experiences and theoretical approaches on audiovisual creation in schools, in addition to participants' testimonies, it is intended to analyze the impacts of using cinema as a source of knowledge and perception, raising the pedagogical action of watching a film as a mere form of illustration for an immersion in film production, which culminates in the holding of a festival. The article addresses, based on studies on festivals, the effects on culture and education, by expanding the range of training activities that already exist in professional film festivals and by contributing to adding the student segment to the categories of specialized festivals.

Keywords: cinema; education; festival; student.

Résumé: Cet article propose une réflexion sur le Festival du Court Métrage des Écoles Publiques de Brasília créé en 2015 et organisé dans le cadre du programme Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. À partir de l'exemple d'expériences et d'approches théoriques sur la création audiovisuelle dans les écoles, ainsi que des témoignages des participants, il s'agit d'analyser les impacts de l'utilisation du cinéma comme source de connaissance et de perception, en soulevant l'action pédagogique de regarder un film comme un simple forme d'illustration pour une immersion dans la production cinématographique, qui se termine par la tenue d'un festival. L'article aborde, à partir d'études sur les festivals, les effets sur la culture et l'éducation, en élargissant l'éventail des activités de formation déjà existantes dans les festivals de cinéma professionnels et en contribuant à ajouter le segment étudiant aux catégories des festivals spécialisés.

Morts-clés: cinema; education; festival; étudiant.

Resumen: Este artículo ofrece una reflexión sobre el Festival de Cortometrajes de las Escuelas Públicas de Brasilia creado en 2015 y realizado como parte de la programación del Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. A partir del ejemplo de experiencias y enfoques teóricos sobre la creación audiovisual en las escuelas, además de los testimonios de los participantes, se pretende analizar los impactos del uso del cine como fuente de conocimiento y percepción, planteando la acción pedagógica de ver una película como un mera forma de ilustración para una inmersión en la producción cinematográfica, que culmina con la celebración de un festival. El artículo aborda, a partir de estudios sobre festivales, los efectos en la cultura y la educación, ampliando la gama de actividades formativas que ya existen en los festivales de cine profesionales y contribuyendo a incorporar el segmento de estudiantes a las categorías de los festivales especializados.

Palabras-clave: cine; educación; festival; alumno.

1. Introdução

O projeto *Festival de Filmes de Curta-Metragem das Escolas Públicas de Brasília - Liberte o cineasta que existe em você* (2015) nasceu da constatação de que a juventude contemporânea é atuante, exerce o protagonismo e relaciona-se completamente à vontade com as novas tecnologias. Consequentemente, a escola que abriga os jovens atuais vem transformando-se cada vez mais em um espaço de experimentação, de imersão e construção dos saberes cuja aprendizagem, que antes acontecia de forma passiva e linear, agora proporciona momentos de descobertas e investigações, nos quais o educador posiciona-se como um orientador ou um mediador das possibilidades do conhecimento para o estudante.



Figura 1: Panorâmica de uma sessão do Festival de Filmes de Curta-Metragem das Escolas Públicas de Brasília

Fonte: Gabriel Jabur/Agência Brasília.

Perante essas tendências, o cinema configura-se como um amplo potencial no sentido de propagar, contar e recriar culturas, ou seja, trata-se de um universo de histórias, invenções e imaginações. Embora essas características façam do cinema o par perfeito para a educação, ainda não existe até os dias atuais, um reconhecimento formal por parte de ambos os setores da magnanimidade que resulta dessa aliança. Para iniciar o estudo, faz-se importante conhecer um pouco da trajetória dos primórdios da união cinema-educação no Brasil, que vem sendo nutrida há décadas, com base nas informações de Rosália Duarte (2019), Eduardo Morettin (1995), Sheilla Schvarzman (2004) e Rafael Zanatto (2021).

A ação de aliar a sétima arte à educação e posicionar os estudantes na condição de cineastas, numa participação de protagonismo em um festival de cinema, trouxe grandes contribuições intelectuais e sociais aos estudantes, ao amadurecimento da concepção do cinema como forma de conhecimento e ao reconhecimento das potencialidades na

realização de festivais. O estudo sobre as decorrências do *Festival de Filmes de Curta-Metragem das Escolas Públicas de Brasília* ampara-se nas experiências do cineasta Alain Bergala (2008) e da professora Adriana Fresquet (2017), pesquisadores que se empenharam na produção audiovisual nas escolas, cujas ações ressoam com a *Abordagem Triangular nas Artes Visuais* da educadora Ana Mae Barbosa. Outra reflexão sobre os desdobramentos da realização de mostras estudantis apoia-se nas pesquisas sobre os festivais de cinema realizadas por Marijke De Valck, Brendan Kredell e Skadi Loist (2016) e por Tetê Matos (2013). Os depoimentos do cineasta Daniel Sena (2021), do produtor de cinema João Vitor Pinheiro (2021), do professor e cineasta Peterson Paim (2021) e da CEO da Sétima Cinema Ana Arruda Neiva (2022) apresentam o ponto de vista deles como participantes do *Festival de Curta-metragem das Escolas Públicas de Brasília*. Os testemunhos foram coletados por meio de entrevistas realizadas nos anos 2021 e 2022, período em que enfrentávamos a pandemia da covid-19, portanto, por questões de distanciamento, as técnicas de coleta dos depoimentos ocorreram por troca de mensagens *on line*, nas quais os entrevistados responderam às perguntas por escrito e, no caso da produtora Ana Arruda Neiva (2022), a entrevista foi gravada por videochamada. Para compreendermos o significado dessa ação com os estudantes de Brasília, inicia-se este estudo recordando os primeiros passos no Brasil pelo uso pedagógico do cinema na educação; refazendo essa memória, não tão recente, que demonstra quais foram os pensamentos iniciais da pedagogia do cinema e como essa trajetória evoluiu ao longo do tempo.

2. Uma história sobre cinema e educação no Brasil

Nas décadas de 1920 e 1930, houve um movimento para reformar o sistema educacional brasileiro, no qual inovações como o rádio, o cinema e as imagens eram vistas como potenciais instrumentos de motivação das crianças e foram assuntos de intensos debates entre professores, intelectuais, religiosos e a elite da época, sob os argumentos de que tais recursos poderiam ser, também, aliados na defesa da moral, dos bons costumes e do nacionalismo. Segundo Eduardo Morettin, o que se propunha eram os "princípios da chamada Escola Nova nos currículos, discussões que foram fortalecidas pelas iniciativas dos governos estaduais e federais pelo "bom" cinema"^{1.)} (Morettin, 1995: 13). Um dos resultados dessas manifestações foi a criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo, o INCE, em

1.) Eduardo Morettin explica que, nesse período da história, havia educadores preocupados em abordar a relação entre o cinema e a moral. Eles consideravam o "mal" cinema o chamado "cine-drama". Para esses críticos: "a grande maioria dos filmes de então provocam o "riso" e "arranhões na moral", por exemplo, os classificados como comédias, dramas e policiais. Educadores como Lourenço Filho, Jo-nathas Serrano e Venâncio Filho defendiam a criação do "bom" cinema com valores morais, que seria o cinema educativo, pois o "mal" cinema representava o "perigo", a má influência e era responsável por formações criminosas (1995: 14-15).

1936, pelo presidente Getúlio Vargas, que reconhecia a força do filme, principalmente, como meio propagandista do governo. Num discurso em 1934, Vargas declara "o cinema como o livro de imagens luminosas, no qual as populações praieiras aprenderão a amar o Brasil". (Schwarzman, 2004: 136)

O cientista, antropólogo e professor Edgar Roquette-Pinto – conhecido por ter fundado a primeira rádio brasileira, pelos primeiros registros dos indígenas no projeto Rondon, e por ter uma carreira sólida e respeitada como pesquisador e educador e por ter sido diretor do Museu Nacional – foi designado o primeiro diretor do INCE pelo Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema, que levou em consideração o interesse de Roquette-Pinto pelas novas tecnologias e delegou-lhe o cumprimento dos objetivos de "incentivar a produção e exibição de filmes que, fundados em temáticas exclusivamente nacionais, valorizassem a cultura brasileira" (Duarte, 2017: 22). Uma das primeiras medidas do diretor no INCE, foi contratar o cineasta Humberto Mauro para o cargo de diretor técnico do instituto. O trabalho de Mauro já era conhecido por Roquette-Pinto desde os tempos do Museu Nacional, quando o cineasta dirigiu filmes educativos encomendados pelo cientista. No INCE, Humberto Mauro passou 30 anos de muita produção, em que realizou cerca de 357 filmes, na sua maioria, curtas de 5 a 20 minutos para que se adequassem ao horário escolar. O longa-metragem *O Descobrimento do Brasil*, lançado pela Distribuidora de Filmes Brasileiros (DFB) e produzido com subsídios do Instituto do Cacau da Bahia, em 1937, é uma das obras mais simbólicas por representar a ideologia do INCE, que segundo Schwarzman, "dá um novo significado ao senso de nacionalidade ao alavancar o país no cinema e mostra a carta de intenções do Instituto recém-criado" (Schwarzman, 2004: 138)

Por 30 anos, o INCE funcionou como um órgão estatal no período político do Estado Novo e início da ditadura militar, tempo em que, apesar de servir aos propósitos governistas, sustentou a proposta de audiovisuais destinados à sala de aula e à ciência no país. Um exemplo acontece, em 1954, em São Paulo, com a realização do Festival de Cinema Científico e Educativo (FCCE), como parte do *I Festival Internacional de Cinema do Brasil*. O FCCE teve o apoio e a presença do presidente da Associação Internacional do Cinema Científico (AICC), o cientista e cineasta Jean Painlevé, que por meio dos filmes autorais, palestras e entrevistas, centralizou o debate do cinema como instrumento educativo e científico. Rafael Morato Zanatto faz um estudo sobre a importância do FCCE para o "desenvolvimento do cinema científico brasileiro em termos históricos, técnicos, artísticos e institucionais" (Zanatto, 2021: 48).

Atualmente, o imenso avanço das tecnologias da informação tem motivado iniciativas pontuais de educadores e instituições de ensino na construção da cultura de uma valorização do cinema, mais precisamente do audiovisual na educação, conquanto nas palavras de Rosália Duarte, "o cinema ainda não seja visto pelos meios educacionais como fonte de conhecimento" (Duarte, 2019: 64). As experiências estudantis também evoluem do "livro com imagens luminosas" de Getúlio Vargas a autores de suas próprias obras, as quais podem ser apreciadas em exposições nas escolas e até nas salas de cinema.

Das mostras mambembes dos primórdios do cinema ao surgimento das indústrias cinematográficas, Hollywood e o mercado europeu, entre as possibilidades de distribuição, surgem os festivais e premiações de cinema, como o Óscar, os festivais de Cannes, de Berlim, Sundance e daí para uma multiplicidade de eventos. Um estudo de Marijke De Valck (2016) refere-se aos festivais como um fenômeno que só recentemente vem sendo objeto de estudo. As pesquisas apontam que a realização dos festivais tradicionais que persistem historicamente, como os já citados anteriormente, agora caminham lado a lado com uma diversidade de festivais especializados em eixos e temáticas, em consonância com a própria evolução humana e social. Por exemplo, existem festivais por gênero como os documentários ou as mostras de suspense; há os festivais voltados para segmentos sociais ou públicos, sejam femininos, LGBTQIA+, comunitários, entre outros. Essa heterogeneidade também é observada nos festivais brasileiros nos quais temos mostras de cinema negro, festivais de filmes indígenas e, inclusive, o nosso objeto de estudo, os festivais estudantis como um segmento que pouco a pouco dissemina-se pelo país, na trilha dos eventos de cinema profissionais. Um exemplo é o *Festival Nacional de Cinema Estudantil de Guaíba* que acontece desde 2002 e recebe filmes de estudantes da educação básica de todo o país e do exterior. Nos mesmos moldes, existem o *Festival Internacional de Cinema Estudantil – o CINEST-RS* o *Festival de Cinema Estudantil de Palmas* entre outros espalhados pelo Brasil.

3. O Festival de Filmes de Curta-Metragem das Escolas Públicas de Brasília

O *Festival de Filmes de Curta-Metragem das Escolas Públicas de Brasília* idealizado por mim, no ano de 2015, quando fui chefe do núcleo de produção e vídeos da Gerência de Televisão Educativa da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, com o objetivo de dar mais um passo na promoção do audiovisual na escola, intercambiar as experiências com criação de vídeos que alguns professores já realizavam em sala de aula e impulsionar a imersão e a criatividade do estudante no cinema.

A proposta foi formalizada numa parceria entre as Secretarias de Estado de Educação e de Cultura do DF, com desdobramentos que foram fundamentais para moldar uma característica singular à nossa ideia de festival estudantil, pois o então secretário de cultura, Guilherme Reis, ofereceu toda a estrutura do *Festival de Brasília do Cinema Brasileiro*^{2.)} que receberia os estudantes nas mesmas circunstâncias dos cineastas profissionais, com o tradicional tapete vermelho e exibição dos filmes no telão do icônico Cine Brasília, alcunhado carinhosamente pelos brasilienses de "Templo do Cinema Brasileiro".

2.) A importância educativa de realizar o festival dos estudantes dentro da programação do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro explica-se por este ser um evento histórico que surge por iniciativa de Paulo Emilio Salles Gomes, professores e estudantes de cinema da Universidade de Brasília, a UnB, em 1965. Esse festival que resistiu às investidas da ditadura militar na década de 1960, embora fora suspenso pela censura durante 3 anos, retornou e prosseguiu como se nunca houvesse sido interrompido. Além de ser uma vitrine do cinema nacional, o Festival de Brasília caracteriza-se pelo público revolucionário, questionador, crítico e politizado, que não hesita em vaiar ou manifestar-se; peculiaridades que se tornaram identidade e tradição desde as suas origens.



Figura 2: Entrega de Prêmios do II Festival de Filmes Curta-Metragem das Escolas Públicas de Brasília
Fonte: Thiago Sabino – Secult- DF.

Com o slogan “Liberte o cineasta que existe em você”, a festa dos estudantes foi um exercício de educação, cinema e protagonismo. No Distrito Federal, existem 14 coordenações regionais de ensino que correspondem às cidades administrativas e, à época, havia cerca de 630 escolas. Considerando o pouco tempo entre o início da divulgação, o lançamento do regulamento e o prazo para recebimento das obras (meados de abril ao final de agosto), houve uma participação positiva dos estudantes. Foram inscritos 101 filmes e selecionados os trinta melhores por uma comissão curadora formada por agentes culturais e educadores.

O regulamento do festival foi cuidadosamente construído de forma que se assemelhasse ao *Festival de Brasília do Cinema Brasileiro*^{3.)} mas que fosse adequado ao máximo ao contexto pedagógico. Era primordial estimular o exercício da criatividade, do trabalho em equipe, da análise da realidade social local, da liderança; da capacidade de lidar com o tempo e a síntese exigidos em um roteiro de curtas, entre outras ações que possibilitassem ao estudante vivenciar a produção cinematográfica com um olhar profissional. A atuação do educador também foi delimitada, para que ele atuasse como um orientador, auxiliando sem interferir no processo criativo que deveria ser exclusivo do estudante. Houve oferta de oficinas de produção audiovisual aos alunos, pelo departamento de cinema do Centro Universitário IESB - que nos anos seguintes concedeu bolsas de estudos aos vencedores - e a

3.) O regulamento do Festival dos estudantes contemplou itens constantes no Edital 001/2015 do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro como período de inscrições, constituição de uma comissão julgadora, regras de direitos autorais, categorias de premiação (direção, roteiro, montagem, fotografia, ator, atriz) e homenagem a uma figura destaque do cinema brasileiro. Por outro lado, foi adequado a orientações pedagógicas e específicas como delimitação de um tema, obrigatoriedade do acompanhamento de um professor-mediador, formação de equipes, autorização dos responsáveis, comprovante de matrícula escolar.

premiação, além do troféu estilizado, agraciou os estudantes vitoriosos e professores com bolsas técnicas em audiovisual oferecidas pela escola Espaço Cult.

Por meio dessa abordagem, pôde-se descobrir jovens talentos que prosseguiram os estudos universitários em cinema, como o cineasta Daniel Sena, que foi a grande revelação do primeiro festival (2015), conquistando os troféus de melhor diretor e melhor roteiro com o curta *ReviR* segue atualmente integrado ao mercado cinematográfico com obras já premiadas em grandes festivais, como o de Gramado.

Eu achei muita ironia do destino exatamente no meu último ano do ensino médio, quando eu justamente estava prestes a traçar uma linha profissional e de objetivos, surgir o 1.º Festival de Curtas das Escolas Públicas, algo que na época foi imenso para mim e uma chance de provar o quanto eu queria poder trabalhar através dessa linguagem. Então, sim, foi muito significativo e sempre carregarei como o pontapé inicial da minha trajetória profissional. (Sena, 2021: s/p)

João Vítor Pinheiro foi também um estudante que atraiu olhares para a sua natureza nata de cineasta. Ele participou do primeiro ao terceiro festival, ou seja, enquanto esteve no ensino médio. Assim, como o Daniel, Vítor tinha um talento natural, além de uma característica única: se aventurava solitário no seu processo criativo, do roteiro à direção, à atuação até à montagem. No segundo ano do festival (2016), ele surgiu, para a equipe organizadora, como um rapaz extremamente produtivo, tendo três obras inscritas e classificadas para a exibição. O filme intitulado *ParParaná* eu-lhe o troféu de melhor ator. Na obra é possível perceber esse trabalho completamente autoral, em que ele assina todo o crédito. Quando perguntei sobre os motivos da produção solo, o jovem explicou que os "colegas não viam futuro em fazer filmes, e então eu fui estudar muito cada área para eu produzir meus próprios curtas" (Pinheiro, 2021, anexo B)

A realização do *Festival de Filmes de Curta-Metragem das Escolas Públicas de Brasília* uxe à luz uma realidade do ensino do audiovisual presente na educação: os estudantes estavam indo além do processo de assistir filmes com a simples finalidade de interpretar. Eles continuavam interpretando, mas com o adendo de compreenderem os processos de produção de um filme e, por meio desses mecanismos, adentravam nas diversas áreas do conhecimento. Havia projetos de produção de cinema em língua portuguesa, em matemática, em química, em história, projetos de cineclube e mostras de audiovisuais nas escolas. Além de privilegiar a criação, considerava-se também a importância de formar um público que soubesse assistir com respeito à obra do outro e à própria. Pode-se comparar o processo de toda a cadeia de produção de um filme, inclusive a exibição e a constituição da platéia, vivenciado pelos estudantes, ao que Antônio Cândido denomina de formação em *sistema* literatura, no qual "há um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel, um conjunto de recetores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; e um mecanismo transmissor (...) que liga uns aos outros" (Cândido, 1975: 23). Ou seja, a imersão dos jovens deu-se numa sistemática que envolve a cadeia produtiva e recetiva cinematográfica.

4. Educação e cinema. De espectador a criador

Ao longo do desenvolvimento da educação brasileira surgiram diversas ações, estudos e experiências de ensino aliados ao cinema; no entanto, em sua maioria, eram conduzidos de uma forma mais passiva, pois exibiam-se filmes em sala de aula para cumprir a função de um complemento ilustrativo de determinado conteúdo de aprendizagem ou um suporte para espectadores (estudantes) que deveriam analisar algum contexto, ou até mesmo para simplesmente assistir em uma data festiva.

Contudo, nesse início de terceiro milênio, a produção e a criação de audiovisuais nas escolas vêm, revolucionariamente, intensificando-se como consequência dos avanços tecnológicos. Dentre as principais referências dessas mudanças educacionais, destaca-se o cineasta francês Alain Bergala que, nos anos 2000, recebeu a incumbência de desenvolver um projeto de inserção do cinema nas escolas francesas, numa determinação ousada do Ministro da Educação da França Jack Lang, que visava a uma intensa integração das artes nas escolas. O cineasta passou a defender um novo olhar para as estruturas da educação artística, em que a arte em si é concebida como “um elemento perturbador” que “desconstrói e anarquiza”; portanto, não há como o aluno concebê-la se não passar pela experiência do fazer, do contato com o artista e do incentivo à criatividade. Assim, Alain Bergala introduziu o cinema na escola como algo criativo e provocador, no qual a imersão no processo de produção, passa a ser uma condição para a análise do audiovisual. “Pensar o filme como marca de um gesto de criação. Não como um objeto de leitura, decodificável, mas, cada plano, como a pincelada do pintor pela qual se pode compreender um pouco do seu processo de criação”. (Bergala, 2008: 34)

O estímulo à construção autoral dos estudantes já praticado nas diversas escolas pelo Brasil e pelo mundo, seja no domínio das artes, das ciências ou de outras áreas do conhecimento leva à formação de cidadãos integrais, que olham para a própria capacidade interna de fazer, desfazer e diversificar, o que contribui para a evolução social e cultural em si. O cinema é uma arte que oferece esse potencial criador e multiplicador em diversas áreas, pois fazer um filme constitui um claro processo de desconstrução com o objetivo de propiciar novas produções.

A educadora Adriana Fresquet vai ao encontro dessa teoria ao promover o projeto de pesquisa CINEAD na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, que, na sua formatação, contou com a consultoria do próprio Alain Bergala. Fresquet mergulhou no desafio do estudante-cineasta explorando as potencialidades pedagógicas, estéticas, sociais e políticas que se abstraem do processo criativo no audiovisual. Como resultado foram idealizadas *EscEscolas de Cinemas* escolas públicas do Rio de Janeiro em 2011/2012, um projeto que, segundo a pesquisadora, viabiliza a experiência do “cinema, partindo da impossibilidade de subestimar a capacidade cognitiva e criativa dos aprendentes/ensinantes e ensinantes/aprendentes, visando fazer da aula (nesse caso o cinema) um processo de emancipação intelectual” (Fresquet, 2017, posição 1796 - livro eletrônico). Esse crescimento intelectual parte do princípio de que o contato com a arte e com a criação coloca-nos em interação com uma constante transformação da realidade. Pois, a ação criativa requer um conjunto de

atributos como inteligência, emoções, sensações, experiências e intuições, no qual ocorre uma troca em que realidade e imaginação se interferem mutuamente, dando lugar ao nascimento da obra.

A visão contemporânea de educadores, como Bergala e Fresquet, de perceber o estudante como um ser autônomo que tem suas próprias ideias e que interfere na construção sociocultural humana foi igualmente o que moveu a equipe organizadora do *FesFestival de Filmes de Curta-Metragem das Escolas Públicas de Brasília* a posicionar os jovens como protagonistas atuantes e, por sua vez, o educador como alguém que media e estimula o conhecimento. Há um novo significado no desenvolvimento do ser integral, quando se move o tabuleiro posicionando estrategicamente o aluno e o professor em situações que favoreçam uma construção de conhecimento conjunta e, ao mesmo tempo, respeitem diferenças e individualidades. No festival dos estudantes de Brasília, foi fundamental destacar a ação do educador como alguém que media, orienta e mostra caminhos, mas não interfere na criação autoral do estudante. Com esse novo olhar sobre o comportamento profissional, o professor e cineasta Peterson Paim, que lidera a mostra de audiovisuais FESTQUIN^{4.)}, explica que a orientação correta ao estudante faz com que ele se sinta mais autoconfiante em colocar em prática as próprias ideias.

O professor mediador deve ensinar o aluno a fazer filme, e não fazer o filme com a participação do aluno. O professor pode organizar oficinas com conceitos de roteiro, direção, fotografia, arte, edição e outros, e então deixar o aluno livre para criar. No máximo uma revisão final com uma orientação para melhoria do trabalho. (Paim, 2021: s/p)

Esses conceitos de estímulo ao processo criativo também são considerados pela *Abordagem Triangular nas Artes Visuais*, desenvolvida pela educadora Ana Mae Barbosa. A proposta de ensino da pensadora, que já foi aluna de Paulo Freire, estrutura-se em um tripé: a contextualização, a apreciação e a produção. Em consonância com a ideia da liberdade para a autoria do estudante, essa abordagem entende que para mediar os conhecimentos, o professor precisa fornecer estímulos para que os alunos conheçam e possam modificar o ambiente sociocultural, desenvolvendo senso crítico, criatividade, imaginação e autonomia por meio de processos criativos. A experiência dos estudantes como a imersão nas artes visuais – por exemplo, o cinema – faz com que eles se coloquem como seres sociais, saiam da invisibilidade e provoquem transformações em si e na sociedade como um todo.

4.) O FESTQUIN é um festival de curtas idealizado pelo professor Peterson Paim, para que os estudantes do ensino médio do Centro Educacional 02 do Guará no Distrito Federal, produzam audiovisuais que tenham alguma informação sobre química. Durante o ano letivo, o professor ensina noções de produção audiovisual e o estudante precisa usar a criatividade para inserir a química no filme, sem que pareça uma aula. O tema pode estar embutido em alguma cena, no título, subentendido ou em qualquer outra forma criativa de registrar a química. As produções são exibidas em um festival, com direito a cerimônia ao estilo do Oscar.

5. Vale realizar festivais de cinema com a produção estudantil?

O ato de motivar a criação artística dos estudantes e levá-los a vivenciar o que um cineasta sente com sua obra exibida em um telão, numa sala de cinema, perante os seus iguais, os professores e os profissionais do cinema, concretiza todo um percurso pelo qual esses jovens passaram no processo de gestar um filme. Fator que nos leva à análise sobre quais são os efeitos dessa realização como elemento transformador da realidade do estudante-cineasta e do fazer pedagógico-cultural.

O espetáculo visual e emocional presenciado por nós, organizadores do Festival de Filmes de Curta-Metragem das Escolas Públicas, e também pelos educadores, cineastas e estudiosos presentes no Cine Brasília nos dias de exibição e premiação dos filmes dos estudantes foi impactante. O cinema lotou nos dois dias de realização do evento e observou-se ali também como os alunos se comportavam como público, numa troca de experiências em que todos aplaudiam os próprios filmes e os dos outros. A CEO da produtora Sétima Cinema, Ana Arruda Neiva, considera que a energia contagiante emanada pelos estudantes no Cine Brasília reflete a experiência da coletividade.

Uma coisa é o aluno ir para uma sala de cinema, por exemplo, o Cinemark, em Taguatinga, ver um filme. E outra coisa é ele ir com a escola, com os professores para um cinema de rua. Eu acho que o ponto é esse, que é você estar nesse contexto coletivo com colegas do seu cotidiano. A gente viu aquela euforia dos adolescentes ao verem as próprias produções ali na tela grande..." (Arruda, 2022: s/p)

Integrar os estudantes em mostras de cinema significa ampliar uma tendência que tem se multiplicado por todo o Brasil e pelo mundo, com características cada vez mais diversificadas, como os festivais dedicados aos diferentes segmentos de filmes, desde curtas a longas-metragens ou categorizados em temáticas e participações. Um aumento gradual da presença estudantil começa a ser sentido, como pode-se constatar na pesquisa Panorama dos Festivais/ Mostras Audiovisuais Brasileiros - Edição 2022, que indica que nesse ano houve um total de 14 festivais estudantis no país e um volume de 4% em relação ao ano de 2021, quando as atividades presenciais nas escolas ainda estavam se normalizando devido à pandemia da covid-19. Se considerarmos as grandes dimensões do país, o número de mostras com a produção dos alunos ainda é tímido; no entanto, revela uma propensão de crescimento.

Para Tetê Mattos, os festivais são "uma iniciativa estruturada em mostras ou sessões capazes de promover o produto audiovisual brasileiro, respeitando-o como manifestação artística e disponibilizando-o à sociedade, com proposta de periodicidade regular" (Mattos, 2013: 118), ou seja, é o espaço para a divulgação das obras artísticas que nem sempre serão absorvidas pela indústria ou pelas grandes produtoras, mas com o adendo de que esta é também uma possibilidade. Esses eventos proporcionam verdadeiras imersões dentro da pluralidade e multidisciplinaridade que o cinema oferece. De Valck (2016) reverencia-os como "espaços especiais de reuniões, nos quais diferentes grupos de cineastas profissionais, amadores e famosos podem se encontrar e trocar informações". Além disso, segundo a autora, o festival reúne os produtores, os distribuidores, os estudiosos, a imprensa, as associações, os

promotores de exibição e de distribuição, o público, ou seja, todos os envolvidos numa cadeia circular (sistema) de intercâmbio; portanto, não se trata apenas da exibição. Para além da visibilidade e dos objetivos comerciais, o festival tem uma importante função que a estudiosa Tetê Matos refere-se como formação — o que Ana Mae Barbosa conceitua como apreciação — que são os debates, palestras, mesas redondas e análises sobre os mais variados contextos do cinema, da profissão e tudo o que tem lugar nesses eventos.

Neste sentido, considera-se uma reflexão: se os estudantes ao criarem seus filmes passam por todo um processo criativo-educativo que envolve o ambiente escolar e os agentes desse contexto, ao finalizar esse caminhar com uma participação em uma mostra, ou criar um festival para o segmento estudantil, pode-se considerar uma ação completa dentro do conceito de formação. Analisa-se, ainda, a caracterização das atividades realizadas no evento em total consonância com a educação, quando até a premiação é revestida de contexto formativo, quando oferece aos vencedores, cursos de aperfeiçoamento em audiovisual e bolsas de estudo, como oportunidades de formação profissional.

Em resposta ao questionamento sobre a validade de se colocar o estudante também no contexto dos festivais, importa refletir sobre a profundidade da ação pedagógica de uma vivência total desse jovem no mundo cinematográfico. O aprendizado que se comprova ao assistir a um filme e na criação de um audiovisual se estende à experiência de participar de uma mostra na qual ele vê a sua obra no contexto real do cinema, na qual ele se comporta ao mesmo tempo como criador e como público. Tal vivência movimenta a educação e a cultura, inova as concepções de festivais e proporciona a descoberta de novos talentos.

6. Conclusão

O Festival de Filmes de Curta-metragem das Escolas Públicas de Brasília revelou a potência que emana do encontro cinema/educação e suas multiplicidades impulsionadas pelo vertiginoso progresso tecnológico do terceiro milênio. O estudante que maneja com tanta facilidade uma câmara de celular ou um aplicativo de edição de vídeo não se conforma mais em ser apenas o espectador passivo. Ele exerce o protagonismo, quer participar, tem criatividade e dita tendências. No quesito dos meios tecnológicos contemporâneos, é o jovem do terceiro milênio que porta mais conhecimentos que os professores e adultos oriundos da era analógica.

Ao aceitarem o desafio de produzir um filme e trabalhar em equipe, ao designarem funções de cineastas a cada membro, criarem roteiros e transformá-los em imagens, entre tantas ações que envolvem a produção audiovisual, os estudantes do Distrito Federal vivenciaram aprendizados que vão além do ofício ou da arte de fazer cinema. Eles demonstraram como percebem a própria realidade social, a sua visão de mundo, as identidades e a voz com que eles desejam afirmar-se perante a sociedade. Falaram de história, de política, de sociologia, de matemática, de poesia e do que mais a sensibilidade lhes imbuíu. E toda essa expressividade foi possível por meio das lentes da câmera, pois o gesto de filmar possibilita a transfiguração da realidade por meio do olhar que começa numa ideia transcrita em um roteiro, continua na captura e ganha forma na edição das imagens e montagem final.

Em tempos de intensas discussões, no Brasil, por mudanças educacionais que acompanhem as inovações dessa era virtual, proporcionar que o aluno tenha contato com o fazer cinematográfico apresenta-se como um possível projeto de vida, seja profissional ou pela satisfação de ser um artista. Citamos o exemplo de Daniel Sena (2021) e João Vitor (2021) que já tinham o talento e a vontade de fazer cinema e encontraram no festival das escolas, a oportunidade para desenvolverem-se como profissionais. Mas, para além do cinema, os atributos desenvolvidos nesse exercício levam à uma gama de caminhos a seguir, seja para o mercado de trabalho, para seguir linha de estudo, para o próprio crescimento intelectual e inserção social.

No contexto da realização de festivais de filmes, a atitude da organização do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro de acolher os estudantes em sua estrutura, configura um salto qualitativo para a cultura e amplia o leque de mostras audiovisuais para o público estudantil. Foi dada à esses jovens a chance de ocupar um espaço de experimentação, que é legítimo nesses eventos, e de terem visibilidade em segmentos de imprensa, mídia e observadores, setores que projetam a obra e o artista e potencializam o leque de divulgação. Quanto às atividades de formação, em que os alunos puderam participar de oficinas de audiovisuais, receberam bolsas de estudos técnicos e universitários e, ainda, vivenciaram a prática de fazer um filme, ousa-se afirmar que a promoção de festivais de cinema autorais de estudantes ressignifica as ações formativas típicas dos festivais profissionais, fortalecendo a união entre a escola e a sétima arte.

Este estudo considera que o Festival de Filmes de Curta-Metragem das Escolas Públicas de Brasília trouxe enormes contribuições que modificam profundamente a forma como o cinema é percebido na escola e vice-versa, porque quando essa dupla se junta, o resultado não pode ser outro que não seja a inspiração, a criação, a recriação, a alteridade que Alain Bergala tão bem conceitua. Configura-se, portanto, esse modelo de festival estudantil, uma proposta digna de ser replicada pelos profissionais da sétima arte e da educação, pelos setores que movimentam os festivais de cinema e pelos que promovem as políticas públicas culturais e educacionais, além das políticas do mercado cinematográfico.

Referências Bibliográficas

- Barbosa, Ana Mae. (2010) *A abordagem triangular no ensino das artes e cultura visuais*. São Paulo: Cortez TCC
- Bergala, Alain. (2008) *A hipótese-cinema. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro da escola*. Rio de Janeiro: Brooklin, CINEAD-LISE-FE/UFRJ
- Candido, Antonio. (1975). *Formação da literatura brasileira*, Vol 1. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Editora Itatiaia.
- Corrêa, Paulo Luz. (2022) *Panorama dos festivais/mostras audiovisuais brasileiros*. Rio de Janeiro: s/ed.
- De Valck, Marikje; Kredell, Brendan & Loist, Skadi (Orgs) (2016). *Film Festivals — History, theory, method, practice*. London and New York: Routledge
- Duarte, Rosália (2019). *Cinema & educação*. São Paulo: Autêntica Editora.
- Fresquet, Adriana. (2017) *Cinema e Educação: Reflexões e experiências com professores e*

estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

- Mattos, Tetê. (2013) Festivais pra quê? Um estudo crítico sobre festivais audiovisuais brasileiros. In: Bamba, Mahomed (Org.). *A recepção cinematográfica: teoria e estudos de casos* (pp. 117-131). Salvador: EDUFBA.
- Meireles, Lino (2017). *Candango: Memórias do Festival*, vol.1. Brasília: Editora Metrópolis.
- Morettin, Eduardo Victório. (1995). Cinema educativo: uma abordagem histórica. *Comunicação & Educação*, v. 2, n. 4, 13-19
- Morin, Edgar. (2000) *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO.
- Neiva, Ana Arruda (2022). *Entrevista concedida à Maria do Carmo Alvarenga*. Brasília, 24 de fevereiro de 2022.
- Paim, Peterson (2021). *Entrevista concedida à Maria do Carmo Alvarenga*. Brasília, 30 de setembro de 2021.
- Pinheiro, João Vitor (2021). *Entrevista concedida à Maria do Carmo Alvarenga*. Brasília, 30 de setembro de 2021.
- Schwarzman, Sheila (2004) *Humberto Mauro e as Imagens do Brasil*. São Paulo: Editora UNESP.
- Sena, Daniel (2021). *Entrevista concedida à Maria do Carmo Alvarenga*. Brasília, 07 de outubro de 2021.
- Serrano, Jonathas & Filho, Francisco Venâncio (1931) O cinema e as diversas disciplinas. In: *Revista Escola Nova*. Órgão da Diretoria Geral de Ensino de São Paulo. São Paulo: Estabelecimento Gráfico Irmãos Ferraz.
- Zanatto, Rafael Moratto (2021). O festival de cinema científico e educativo. In: *Rebeca - Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual*, SOCINE. São Paulo, Ano 10 - edição nº 2.

Audiovisuais

- Sena, Daniel (2015). *Canal E. ReviR. Centro Educacional 08 do Gama - Brasília*. Youtube. Disponível em <https://bit.ly/42IKSes> . Visualizado em 16 de maio de 2023.
- Pinheiro, João Vitor (2016). *Canal E. Paranóia. Centro Educacional 01 do Guará - Brasília*. Youtube. Disponível em <https://bit.ly/42Fzobz> . Visualizado em 16 de maio de 2023.

Maria do Carmo G A Rodrigues

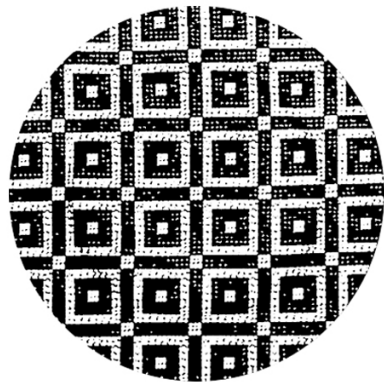
Especialização em Cinema pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, SP, Brasil. Rua Dr. Álvaro Alvim, nº 90 - Bairro: Vila Mariana - CEP: 04018-010 - São Paulo - UF: SP E-mail: carmoalvarenga@gmail.com
ORCID: 0009-0003-9398-0959

Receção: 29-08-2023

Aprovação: 20-12-2023

Citação:

Rodrigues, Maria do Carmo G. A (2023). Liberte o cineasta que existe em você! O protagonismo dos estudantes da educação básica no festival de filmes de curta-metragem das escolas públicas de Brasília. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 6(3), pp. 52-66. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav6n3a3

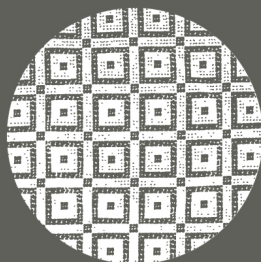


TODAS AS ARTES



REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE ARTES E CULTURA

ALL THE ARTS LUSO-BRAZILIAN JOURNAL OF ART AND CULTURE



Vol. 6, N. 3, Set.-Dez. 2023
ISSN 2184-38052

